

De Search a Pessoa e a qualidade essencial do sujeito de exceção

[From Search to Pessoa and the essential quality of the exceptional subject]

Dionísio Vila Maior*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Alexander Search, Sujeito poético, Sujeito de exceção, Modernismo.

Resumo

O estudo analisa a autoconcepção de Fernando Pessoa como poeta de exceção, seguindo as suas manifestações iniciais em Alexander Search e noutros heterónimos. Através de poemas, fragmentos em prosa e cartas, evidencia-se a construção de uma identidade literária afastada da “gente banal”, que privilegia o isolamento, o génio e a missão de se dever à “humanidade futura”. Combinando perspetivas estéticas, filosóficas e sociológicas, o artigo enquadra a poética pessoana nas tensões modernistas entre individualidade e coletividade, imperfeição humana e transcendência, reafirmando a literatura como forma de “melhorar a Vida”.

Keywords

Fernando Pessoa, Alexander Search, Poetic Subject, Exceptional Subject, Modernism.

Abstract

This study examines Fernando Pessoa’s self-conception as a poet of exception, tracing its early manifestations in Alexander Search and other heteronyms. Through close reading of poems, prose fragments, and letters, it highlights how Pessoa constructed a literary identity distanced from “banal men,” privileging isolation, genius, and a mission toward “future humanity.” Engaging with aesthetic, philosophical, and sociological perspectives (Habermas, Horkheimer, Adorno, Almada Negreiros), the article situates Pessoa’s poetics within modernist tensions between individuality and collectivity, human imperfection and transcendence, ultimately affirming literature’s capacity to “improve Life.”

* Universidade Aberta.

No poema “In The Street”, datado de 12 de novembro de 1907, um sujeito poético ‘isolado da vida’, Alexander Search – deambulando pela rua e registando a normalidade das satisfações familiares que vai observando por entre as janelas – escreve (recurso à tradução de Luísa Freire):

Passo frente às janelas a brilhar
 [...]
 Dentro, gente conversa, sei-o bem.
 [...]
 Pudesse mais do que estes não querer,
 Fosse todo o desejo confinado
 À família, ao fácil conviver,
 Às alegrias mundanas do viver, [...]
 [...]
 Então seria feliz por não ter mais
 Que a vida banal dos homens banais.

Mas, ai! Que dentro do meu coração
 Tenho algo que não posso sossegar
 [...]
 Eu gemo como um Sísifo cansado
 À pedra irónica do mundo encostado

(PESSOA, 2018: 95-97)

Antes, em 1904, no poema “Men of To-Day”, Alexander Search escrevera também o seguinte (valendo-me, de novo, da tradução de Luísa Freire): “Só o génio pode o fogo atizar | Que na natureza em vós abrigais; | Só o génio pode a lira tocar | E erguer vosso nome aos céus dos mortais [...]” (PESSOA, 2018: 51).

Entretanto, em, provavelmente, 1913-1915, Pessoa registará:

Não faço visitas, nem ando em sociedade alguma [...]. Fazê-lo seria sacrificar a minha unidade interior, entregar-me a conversas inúteis, furtar tempo senão aos meus raciocínios e aos meus projectos, pelo menos aos meus sonhos, que sempre são mais belos que a conversa alheia. Devo-me a humanidade futura. Quanto me desperdiçar desperdiço do divino património possível dos homens de amanhã; diminuo-lhes a felicidade que lhes posso dar e diminuo-me a mim próprio, não só aos meus olhos reais, mas aos olhos possíveis de Deus. Isto pode não ser assim, mas sinto que é meu dever crê-lo.

(LOPES, 1990: II, 74)

Finalmente, numa carta datada de 25 de setembro de 1929, dirigida a Ofélia Queiroz (cerca de quatro meses, portanto, antes de lhe escrever a última carta), Fernando Pessoa faz questão de lembrá-la da importância que ele próprio atribui à sua “obra”, para cuja realização ele precisa de “sossego e um certo isolamento”; depois, secundarizando tudo o que não seja essa obra, e expressando os seus sentimentos por Ofélia, previne-a: “Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são cousas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido” (PESSOA, 1986b: 258-259).

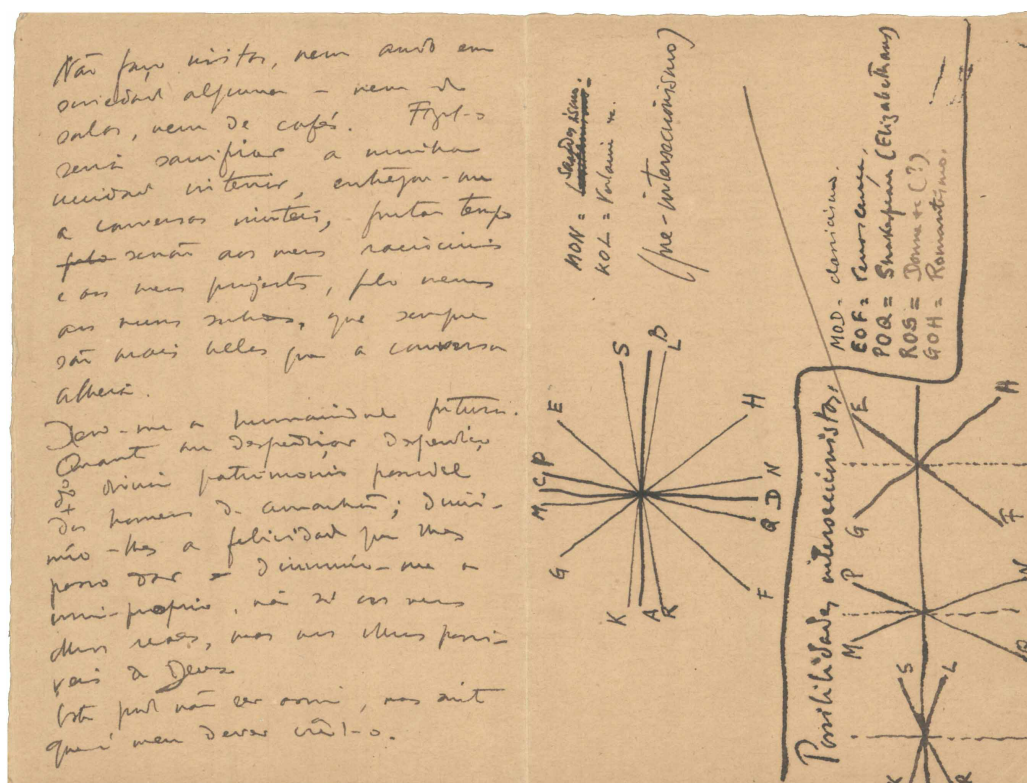


Fig. 1. "Não faço visitas" (BNP/E3, 28-6°).

Não se torna difícil aceitar, nesses exemplos, as seguintes noções: por um lado, é possível entender que, tanto em Pessoa como no seu pré-heterónimo Alexander Search – irmão literário de Charles James Search, sucessor poético de Charles Robert Anon, com mais de cem poemas escritos entre 1904 e 1910 –, o eu poético se notifica na sua diferença em relação a uma turba marcada pelas “alegrias mundanas do viver”; por outro, que uma certa tensão ‘desassossegada’ conduz esse eu a uma sensação de perturbação, de cuja transcensão poderia depender não só uma consciente e produtiva integração sua com os fatores individuais e socioculturais, mas também a capacidade do sujeito para apreender os seus focos de tensão interiores.

Nos textos evocados, parece vislumbrar-se, portanto, aquela “racionalidade comunicativa” de que falava Habermas no seu *Discurso Filosófico de la Modernidad* (HABERMAS, 1993: 373); isto é: assegurando-se uma racionalidade plena e eficazmente integrada num processo de inter-relação entre indivíduo e coletividade, garante-se o equilíbrio interior do indivíduo.

Lembremo-nos, a esse propósito, do quanto a temática de Pessoa – ligada à solidão, ao isolamento, à melancolia, à desilusão, à dor, à morte – deve ao seu ‘irmão gêmeo’, nascido, igualmente, a 13 de junho de 1888, e também ele marcado por um certo ‘discurso decadente’ com figurações românticas e simbolistas.

Para além disso, é indiscutível que essa preocupação de ambos passa ainda pela forma como os dois eus literários representam o mistério que tudo envolve (seres, mundo, natureza...), o sonho como realidade, a dúvida persistente, o sentimento

de exclusão, um certo receio da loucura, a consciência não só dessa loucura, mas também do génio predestinado que em si encontram, com um sentido de missão a realizar, em provocação sisifiana aos deuses (mas de mãos dadas com o destino). Em Pessoa, é conhecida a recorrência a núcleos temáticos que (enunciados com o recurso a formulações que remetem para imagens enquadradas por estigmas de desespero e de uma profunda negatividade) traduzem repetidos cenários de dor, angústia, melancolia, ceticismo, intranquilidade, solidão...

Por outro lado, os eus poéticos, presentes nos textos acima referidos de Search e de Pessoa, enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade (rubricada pela “vida banal dos homens banais”), mantêm para com esta uma relação de dependência, uma vez que não se podem dissociar das motivações e das informações que, ao nível linguístico e cultural, encontram-se subjacentes a todo o sistema social.

Assim, falar na relação do eu poético com o ‘sistema social’ significa insistir na noção segundo a qual o eu se encontra (no universo poético) numa relação de dependência para com o real, necessário para a sua auto-organização. Para além disso, se é certo que essa auto-organização difere de indivíduo para indivíduo, não é igualmente menos certo que a identidade de uma coletividade poderá ser afetada pela imposição forçada de argumentos conducentes à perturbação interior dos indivíduos que a constituem – sobretudo quando o comportamento desses indivíduos é manipulado ideologicamente. É tendo em conta, aliás, essa apreciação, que, lembremo-nos, Horkheimer e Adorno, na sua *Dialectique de la Raison*, criticam a alienação da sociedade provocada pela racionalidade técnica – ou que (antes de se referirem ao funcionamento de modelos ideológicos específicos, como foram o fascismo e o nazismo, e às formas de standardização cultural) acentuam: “L’unité d’une collectivité manipulée repose sur la négation de l’individu” (HORKHEIMER e ADORNO, 1994: 30). Parece, assim, possível considerar que uma definição de indivíduo ‘social’ aponta, em primeira e última instâncias, para a sua correlação com o ‘outro social’ – um outro, no entanto, que não retira autonomia àquele.

E, se é certo que é para um profundo desencanto que aponta o sentido geral do poema “In the Street” – destinado ao volume *Agony*, e com epígrafe do romance *Sartor Resartus* de Carlyle (“eu [...] estou acima de tudo [...]; sozinho com as estrelas”) –, por aí se representando como um sujeito poético isolado da vitalidade, que vai observando nas casas por onde passa, admirando as famílias satisfeitas, mas rejeitando a normalidade da vivência familiar, não é menos certo que essa consciência de si e do outro envolve de igual modo uma ‘abertura’ sobre esse mundo do real.

Quando, entretanto, trata-se de definir em Pessoa ortónimo e nos seus outros eus (como Charles Robert Anon, Alexander Search, Bernardo Soares e, mesmo, Álvaro de Campos) o sentido de derrotismo, abertamente dimensionado pela ótica do desencanto, da angústia, da intranquilidade, da solidão e da tristeza, cremos que as potencialidades inerentes aos domínios temáticos, que com essa negatividade se relacionam, adquirem também outros contornos, acabando, contudo, por ilustrar

um quadro temático doloroso comum. É nesse contexto que se impõe evocar a noção de “humanidade dolorosa” (COELHO, 1987: 548) com que Jacinto do Prado Coelho caracteriza parte da poesia pessoana.

Chamemos de novo à colação a carta de Pessoa a Ofélia, escrita a 25 de setembro de 1929. Independentemente do amor que o poeta nutria pela amada, o que importa fundamentalmente realçar nessa carta são duas sugestões: por um lado, a que se liga ao valor com que Pessoa envolve conscientemente a sua própria obra; por outro, a que faz esse valor depender da sua capacidade para, na sua vida, conseguir transcender os moldes que enformam a normal vivência quotidiana.

Entretanto, como vimos, mais evidente se mostrara esta atitude no texto escrito por volta de 1913-1915, onde Pessoa explica o porquê de não conviver em sociedade. Esta decisão justifica-se pelo facto de se “dever” “à humanidade futura”, chegando mesmo a qualificar o seu próprio “património” literário como “divino” para os “homens de amanhã”; mas também revela abertamente esse raciocínio num outro texto (de 1914) onde enuncia que recusa a “ideia de reclame” e que reentrara definitivamente “na posse plena do [...] [seu] Génio e na divina consciência da [...] [sua] Missão” (PESSOA, 1986b: 113-114). Efetivamente, torna-se importante aqui realçar o facto de, nas palavras evocadas, o autor facultar indicações as quais lhe conferem um destaque que, segundo ele, merecerá futuramente pela sua condição de “Génio” – um génio que, também o refere em 1915, recusa toda e qualquer forma de celebridade (“um plebeísmo”, “uma contradição”, “uma fraqueza” [PESSOA, 1986b: 114-115]).

Curiosamente, não se furtam tampouco a esta consideração específica do sujeito os eus poéticos Charles Robert Anon, Bernardo Soares e Álvaro de Campos. Nesse sentido, Charles Robert Anon, num texto sem data, afirma-se um “génio”, “inimigo das opiniões dos homens”, e proclama a sua “diferenciação” em relação ao “mundo” (PESSOA, 1993: 160); Bernardo Soares, num fragmento de 13 de abril de 1930 do *Livro do Desassossego*, manifesta abertamente a sua aversão e oposição à “humanidade vulgar”, que “repugna” e a qual, segundo ele, vive apoiada no sentimento (*LdoD*, fragmento 506)¹; Álvaro de Campos, apesar de em *A Passagem das Horas* mostrar a sua simpatia quer pelos “homens superiores”, quer pelos “homens inferiores” (PESSOA, 1990: 149), considera-se (no poema “O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual”) distante do “homem vulgar” pela capacidade de pensar o que sente (PESSOA, 1990: 268).

Ora, o que aqui interessa é situar esta questão ao nível da funcionalidade estético-literária de uma significativa produção polifónica pessoana onde alguns eus poéticos se consideram indivíduos distanciados da turba, da vivência do dia a dia,

¹ Para as referências ao *Livro do Desassossego*, teremos por base referencial o *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do LdoD* organizado por Manuel Portela e António Rito Silva (encontra-se em linha: <https://ldod.uc.pt/>) e seguiremos a edição de Teresa Sobral Cunha, com a respetiva indicação do número do fragmento do *Livro*.

isto é, sujeitos que desenvolvem, literariamente, soluções que apontam para o afastamento do eu poético em relação à banalidade e à “monotonia quotidiana das vidas vulgares”, caracterizada por padrões de vida e de comportamento incompatíveis com os do Homem que se considera acima desses padrões. Nesse sentido, a vivência quotidiana, os sentimentos e os afetos familiares da “turba normal”, o casamento e a vida conjugal da “gente média”, as alegrias e as preocupações do dia a dia e a “vida vegetativa” da “humanidade vulgar” são aspetos repetidamente criticados e negados. Assim se vão criando condições (tudo leva a crê-lo, ao superlativar Pessoa o indivíduo de exceção) para que o próprio Pessoa integre esse estatuto, ou seja, o protagonismo das “frases que como se erguem do texto a determinar o sentido de todo um capítulo” no vasto “livro que é o universo” (PESSOA, 1986b: 686) – estatuto esse, note-se, que lhe é concedido por Almada, quando, em 1934, no texto “Os Pioneiros” (*Para a História do Movimento Moderno em Portugal*), escreve que Pessoa se encontra “sempre pronto para tudo o que seja elevado, superior, de elite” (NEGREIROS, 1992: 58) e, em 1965, no texto “Orpheu”, que “A sua nomeada hoje é universal” (NEGREIROS, 1993: 176).

Essas linhas de força ganham, assim, uma especial operacionalidade, quando, por uma discursividade particular de teor fundamentalmente estético-literário, Pessoa ajusta a consciencialização de uma relação específica com a coletividade ao investimento de um equacionamento a que uma dimensão de genialidade não é alheia; e, para Pessoa, sabemo-lo, tanto o papel da coletividade, como o de cada indivíduo que dela faça parte, perderão o sentido para a necessária relação entre o sujeito e os outros, a partir do momento em que a coletividade retire àquele o espaço de manobra necessário para que possa exprimir a sua genialidade.

Na esteira desta reflexão, duas ilações se impõem: o aparecimento do sujeito de índole “superior” resulta ou de uma harmonia com o coletivo, ou de uma oposição aberta em relação àquilo que Almada Negreiros chama (em 1933, na conferência *Arte e Artistas*) de “incapacidade colectiva” (NEGREIROS, 1993: 87). Por meio dessa atitude, o sujeito não só genializará “forçosamente [...] a independência do seu caso particular” (NEGREIROS, 1992: 110), como procurará, ainda, influenciar o meio em que se insere, evidenciando, no domínio da reflexão teórica e da produção estético-literária, as qualidades pragmáticas de que deverá reclamar. A esse propósito, provavelmente em 1914, escreve Pessoa algumas palavras cujas significações, não garantindo totalmente a interpretação nesse sentido, não deixam, contudo, de insinuar que se poderá tratar dele mesmo. É assim que proclama: “[...] em Portugal é preciso que apareça um homem que, a par de ser um homem de génio, para que possa mover o meio por inteligência, seja um homem de sua natureza influenciador e dominador, para que ele próprio organize o meio que há-de influenciar, e ir influenciando ao construí-lo” (PESSOA, 1986c: 188).

Sobre este “homem de génio”, sobre este sujeito de exceção, Pessoa pronunciou-se diversamente, parecendo atribuir-se certas particularidades cujo alcance, incidindo direta ou indiretamente sobre ele mesmo, conferir-lhe-ia um estatuto de alguma exceccionalidade; provam-no as noções de acordo com as quais se pode afirmar que esse sujeito é: aquele que melhor é capaz de “aperfeiçoar a vida” – como Pessoa defende, em 1922, no texto “António Botto e o Ideal Estético em Portugal” (PESSOA, 1986b: 1242-1243); o que possui uma “ânsia abstracta de conhecer” – afirma o autor, num texto sem data (PESSOA, 1986c: 441); aquele que se distingue pela “qualidade da ironia” – revela Fernando Pessoa num texto que publica em 1928, no *Notícias Ilustrado*, sobre o “síndroma provinciano” da mentalidade portuguesa; o que, como Pessoa alega num texto sem data, compreende e controla a funcionalidade do posicionamento alteronímico, através do qual aprende a “sentir tudo sem o sentir directamente” (LOPES, 1990: 27); aquele que consegue “representar em si mesmo toda a sua época” (PESSOA, 1986c: 127) – previne Pessoa, num texto em inglês, de, provavelmente, 1917; o que se distancia da vida em sociedade, procurando a “glória” do isolamento, da indiferença (“A superioridade não se mascara de palhaço [...] é de renúncia e de silêncio que se veste”, escreve num texto de 1914 [PESSOA, 1986b: 114]) — o que não significa que, inconformado e insatisfeito, não participe socialmente, nem que se não coloque criticamente em relação à época em que vive (leia-se as considerações sobre as “grandes almas” e o papel do génio na sociedade, desenvolvidas em “Erostratus” [PESSOA, 1986c: 51-52]); aquele que evidencia não só coragem, faculdades intelectuais, capacidade crítica, fantasia, imaginação, mas, sobretudo, originalidade (tenha-se em conta, por exemplo, um texto de 1932 – no qual atribui ao génio a qualidade da “originalidade” [PESSOA, 1986b: 1310-1311] – e diversas passagens do “Erostratus” [PESSOA, 1986c: 39 ss]); aquele que se sente “par dos Deuses sendo homem, par dos homens sendo deus” – pronuncia no texto Mário de Sá-Carneiro (PESSOA, 1986b: 1277-1278); e, por fim, aquele que, modelo que é, tem capacidade para influenciar milhões e “construir a civilização” – defende-o quando, num texto sem data, tece algumas considerações sobre o génio e a “alma íntima dos povos” (LOPES, 1990: II, 72).

Tendo em conta todas essas características variavelmente apontadas (algumas delas assumidas abertamente) por Pessoa para caracterizar o génio, o sujeito de exceção, o indivíduo de qualidades sublimadas, impõe-se, de um modo geral, uma ideia: a de que esse é encarado, de acordo com os atributos que lhe são inerentes, como alguém incompreendido pelos que o rodeiam e inadaptado à sua época, o que faz com que a capacidade de, num determinado tempo e espaço, a sociedade o(s) identificar se torne manifestamente difícil de determinar (PESSOA, 1986c: 34 ss). Além disso, Pessoa acrescenta um ponto importante a toda esta problemática: defende que um dos maiores objetivos do sujeito com qualidades de excelência — a sua aceitação pela posteridade — será tanto mais atingido, quanto mais ele se conseguir enquadrar dentro dos parâmetros que, em princípio, caracterizarão as críticas das gerações

vindouras à sua, tornando-se, nesse sentido, “criador e filho” das épocas que a ele se sucederem (PESSOA, 1986c: 50 ss).

As considerações de Pessoa ganham um interesse acrescido quando, por elas, concretiza-se, de modo definitivo, o carácter privilegiado dos atributos daquele indivíduo. Assim, o poeta, numa conhecida carta datada de 19 de janeiro de 1915, enviada a Armando Côrtes-Rodrigues, confessa que, paulatinamente, não só se tem vindo a colocar à altura das “qualidades divinas que recebeu”, mas também tem procurado agir “sobre a humanidade” (PESSOA, 1986b: 176). Nessa carta, mais não faz do que se perspetivar, desde logo, como alguém cujos textos poderão ser reconhecidos pela posteridade. E, enquanto génio que se considerou (e que se consideraria), sabia que não podia “conquistar” o mundo apenas sonhando com a ideia de que o poderia vir a fazer: como escreveu Campos no poema “Tabacaria”, “O mundo é para quem nasce para o conquistar | E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão” (PESSOA, 1990: 197).

Não se pense, naturalmente, que essa aceitação pela posteridade, também resultado da ação (sobretudo estético-literária) sobre a coletividade e sobre a humanidade, conforma um conjunto de opções tomadas, efetivamente, em função de um tempo e de um espaço precisos, nem tampouco se pretende interpretar essa ação em função de interesses extra-artísticos; pelo contrário: essa ação, enquanto atitude de um sujeito de exceção, genial, deve ser interpretada como uma atitude tomada em função dos “futuros tempos e épocas” (PESSOA, 1986c: 41). Isso significará ainda, por outras palavras, que só assim esse indivíduo se deverá à “humanidade futura” (como Pessoa confessou a Ofélia), contributo esse suscetível de ser percebido como o enriquecimento da literatura e da arte, em geral. Posto isso, se nos deparamos com um Pessoa que afirma “dever-se” à “humanidade futura”, é porque dessa afirmação será indissociável a noção de que um poeta só merecerá tal identificação se escrever almejando a imortalidade dos seus textos. De certa forma, é essa atitude que defende numa carta de, provavelmente, 1914, dirigida a um jovem poeta, quando doutrina: “Nenhum poeta tem o direito de fazer versos porque sinta a necessidade de os fazer. Há só a fazer aqueles versos cuja inspiração é perfumada de imortalidade” (PESSOA, 1986b: 198).

Esta orientação de Pessoa — e do seu “irmão” Search — encontra-se, aliás, repercutida naquela proclamação que o outro eu Campos faz do super-homem, no final do “Ultimatum”; e, por esse prisma, poder-se-á então atribuir ao poeta (ou ao artista) o estatuto que, em princípio, só à esfera sobre-humana estaria atribuído. Evidencia-se, desse modo, a importância que, para Pessoa, possui a literatura, em geral, e a poesia, em particular, quando, por meio delas, alvejam-se os mesmos desígnios: interrogar a vida em todas as suas proporções; denunciar o apodrecimento dos valores de essência humana e humanista; desenvolver a imaginação e ajudar ao reconhecimento da tristeza e da imperfeição da condição humana. Pessoa conseguiu atingir esses objetivos.

Em última análise, Fernando Pessoa não só procurou esse ideal, como ainda contribuiu variavelmente para “melhorar a Vida”. Em primeira e última instâncias, o poeta em questão fez arte, se por este “fazer arte” nos situarmos conformes ao sentido por si atribuído quando, no texto “António Botto e o Ideal Estético Criador”, escreve: “Fazer arte é tornar o mundo mais belo, porque a obra de arte, uma vez feita, constitui beleza objectiva, beleza acrescentada à que há no mundo. Fazer arte é aumentar a vida, porque é aumentar a compreensão ou a consciência, dela” (PESSOA, 1986b: 1259).

De qualquer forma, mesmo se, lúcido, confessasse não alcançar essa “humanidade futura”, restaria sempre a Pessoa jogar com esse seu desejo.

Como quer que seja, é a partir daqui que melhor podemos compreender os valores que, para Pessoa, afetam, não só a definição da homologia entre “homem de excelência” e “humanidade futura”, mas também a conceção indigitada por Search de que “Só o génio pode a lira tocar | E erguer vosso nome aos céus dos mortais”. São, afinal, esses valores que acabam, em parte, por aproximar, pelas características e objetivos que o individualizam, o sujeito de qualidades sublimadas de um estatuto “superior”. Quando contextualmente entendidos, mais fácil se torna aceitar o desenvolvimento de princípios que acabam em definitivo por indicar uma última noção: a sobrevalorização do sujeito por ele mesmo. Seria igualmente a isso que Álvaro de Campos se refere no texto “Ambiente” (de 4 de junho de 1927, publicado na página 3 do n.º 5 da *presença – Folha de Arte e Crítica*), ao considerar que “Formando de nós um conceito intelectual, formamos um deus de nós próprios” (PESSOA, 1986b: 1080), ou o ortónimo Pessoa, quando, no poema “Não, não é nesse lago entre rochedos” (de 26 de abril de 1932), perfilha uma posição similar, ao procurar vincular a coerência de tal raciocínio à condição peculiar de cada sujeito — admitindo, assim, que a vivência da plenitude se encontra fortemente dependente de cada um: “É em nós que há os lagos todos e as florestas | Se vemos claro no que somos” (PESSOA, 2004: 78).

Em primeira e última instâncias, é para essa ideia que mediatamente reenvia aquele “Só o génio pode o fogo atizar | Que na natureza em vós abrigais”, de Search. Indiscutivelmente, Pessoa disse-o por outras palavras: “Sê todo em cada coisa, porque ser todo em cada coisa é estar certo” (LOPES, 1990: II, 29).

Bibliografia

- COELHO, Jacinto do Prado (1987). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo. 9.^a ed.
- HABERMAS, Jürgen (1993). *El discurso filosófico de la modernidad (doce lecciones)*. Versión castellana de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (1994). *La Dialectique de la Raison. Fragments philosophiques*. Traduit de l'allemand par Éliane Kaufholz. Paris: Gallimard.
- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Estampa.
- NEGREIROS, José de Almada (1993). *Obras Completas — Textos de Intervenção*. Vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1992). *Obras Completas — Ensaios*. Vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PESSOA, Fernando (2018). *Poesia Inglesa*. Edição de Richard Zenith. Tradução de Luísa Freire. Lisboa: Assírio & Alvim. 2.^a ed.
- _____. (2004). *Poemas 1931-1933*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1993). *Pessoa Inédito*. Coordenação de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte.
- _____. (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição crítica e introdução de Cleonice Berardinelli; nota prévia de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1986a). *Obras de Fernando Pessoa*. Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros. Vol I. Porto: Lello & Irmão Editores.
- _____. (1986b). *Obras de Fernando Pessoa*. Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros. Vol II. Porto: Lello & Irmão Editores.
- _____. (1986c). *Obras de Fernando Pessoa*. Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros. Vol III. Porto: Lello & Irmão Editores.
- PORTELA, Manuel; SILVA, António Rito (2017). *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Em linha: <https://ldod.uc.pt/>

DIONÍSIO VILA MAIOR é Professor Catedrático [Estudos Portugueses] na Universidade Aberta [UAb] (Portugal). Membro efetivo do Conselho Geral da UAb. Diretor do Departamento de Humanidades da UAb. Distinguished Professor pela Univ. of Massachusetts, Boston. Visiting-Professor na Univ. Degli Studi di Padova e na Univ. de Marie Curie. Professor e conferencista convidado em diversas Universidades europeias e americanas. Investigador integrado e Coordenador de Investigação no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). Algumas publicações: *Fernando Pessoa: o Ser Verbal* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2023); *Il Modernismo Portoghese. Guida alla lettura con antologia selezionata* (Aracne, 2021); *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea em Contexto Universitário de E-learning* (Ed. Esgotadas, 2021); *100 Futurismo* (Org. com Annabela Rita; Ed. Esgotadas, 2018); *Sob o Signo de Calíope – Sentidos Modernistas* (Aracne, 2018); *100 Orpheu* (Org. com Annabela Rita; Ed. Esgotadas, 2016); *Estudos Pessoaanos* (Universidade Aberta, 2004); *O Sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito* (Universidade Aberta, 2003); *Literatura em Discurso(s): Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade* (Pé de Página, 2001); e *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo* (Almedina, 1994).

DIONÍSIO VILA MAIOR is Full Professor [Portuguese Studies] at Universidade Aberta [UAb] (Portugal). Permanent member of UAb's General Council. Director of UAb's Department of Humanities. Distinguished Professor at the University of Massachusetts, Boston. Visiting Professor at the Università degli Studi di Padova and at the Université Marie Curie. Guest professor and lecturer at several European and American universities. Integrated researcher and Research Coordinator at the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures (CLEPUL). Some publications: *Fernando Pessoa: o Ser Verbal* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2023); *Il Modernismo Portoghese. Guida alla lettura con antologia selezionata* (Aracne, 2021); *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea em Contexto Universitário de E-learning* (Ed. Esgotadas, 2021); *100 Futurismo* (co-ed. with Annabela Rita; Ed. Esgotadas, 2018); *Sob o Signo de Calíope – Sentidos Modernistas* (Aracne, 2018); *100 Orpheu* (co-ed. with Annabela Rita; Ed. Esgotadas, 2016); *Estudos Pessoaanos* (Universidade Aberta, 2004); *O Sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito* (Universidade Aberta, 2003); *Literatura em Discurso(s): Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade* (Pé de Página, 2001); and *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo* (Almedina, 1994).